

The background image is a vibrant photograph of a tropical garden. In the foreground, there's a pond covered with green lily pads. To the left, a large, healthy plant with broad, green leaves and a few small orange flowers stands prominently. The background is filled with a dense canopy of various tropical trees and plants, including palm trees, creating a lush and verdant atmosphere. The title text is overlaid on the upper half of the image in a bright yellow color.

CAMINHANDO E CONHECENDO AS ÁRVORES DO JARDIM BOTÂNICO DE NITERÓI

**Marcelo Guerra Santos
Eny Hertz Bittencourt
Luiz José Soares Pinto
Paulo César Ayres Fevereiro**

**Marcelo Guerra Santos
Eny Hertz Bittencourt
Luiz José Soares Pinto
Paulo César Ayres Fevereiro**

CAMINHANDO E CONHECENDO AS ÁRVORES DO JARDIM BOTÂNICO DE NITERÓI

1ª Edição

São Gonçalo - RJ

UERJ/FFP

2012

Caminhando e conhecendo as árvores do Jardim Botânico de Niterói

Diagramação e programação visual

Marcelo Guerra Santos

Fotografias

Eny Hertz Bittencourt

Editora

UERJ/FFP

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHD

C183 Caminhando e conhecendo as árvores do Jardim Botânico de Niterói/ Marcelo Guerra Santos... [et al.] – Rio de Janeiro: UERJ/FFP, 2012.

63p.: il.

ISBN: 978-85-88707-65-8

1. Jardins Botânicos – Niterói (RJ). 2. Botânica. I. Santos, Marcelo Guerra. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores.

CDU 581(815.3)

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos funcionários e ex-funcionários do Jardim Botânico de Niterói pela luta constante na manutenção deste importante patrimônio ambiental.

A photograph of a dirt path in a botanical garden, lined with large, leafy trees. The path is made of light-colored soil and leads into the distance. The trees have thick trunks and dense green foliage, with some hanging vines visible. The scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

O Jardim Botânico de Niterói

APRESENTAÇÃO

O Jardim Botânico de Niterói é uma área de conservação subordinada à Secretaria de Agricultura, Abastecimento, Pesca e Desenvolvimento do Interior (SEAAPI) do Estado do Rio de Janeiro.

Fundado em 1905 sob o nome de Horto Botânico de Niterói, em 1975 foi transformado em Jardim Botânico Nilo Peçanha e em 1977 passou então a ser denominado Jardim Botânico de Niterói (JBN).

Localizado no Bairro do Fonseca (Niterói-RJ), a área abriga espécies exóticas e nativas, principalmente da Mata Atlântica.

A ausência de publicações a respeito das plantas existentes no JBN foi a motivação da realização deste trabalho. Ele tem como objetivo elaborar um guia ilustrado, com as principais árvores encontradas no JBN, para a orientação dos visitantes.

Durante caminhadas de reconhecimento foram selecionadas 24 árvores. O guia possui uma fotografia representativa de cada espécie, que é acompanhada de nome popular, nome científico, família botânica, local de origem, um texto informativo que contém particularidades morfológicas e biológicas, utilidades e curiosidades.



Imagem aérea do Jardim Botânico de Niterói (Google Earth – 2012)

UM POQUINHO DE BOTÂNICA

Qual a importância de um Jardim Botânico? É só um local para passear-mos? Apesar desta função importantíssima que é o lazer, um Jardim Botânico tem outras funções igualmente relevantes que são: a conservação de espécies vegetais; a educação ambiental e a realização de pesquisas científicas. A parte da ciência que estuda as plantas é chamada de Botânica.

O conhecimento das plantas brasileiras começou a partir de obras monumentais como a *Flora brasiliensis* e a *Flora Fluminensis*. A primeira, é considerada o maior trabalho botânico sobre a nossa flora, constituída de 40 volumes, 130 fascículos, com 22.767 espécies descritas. Foi iniciada em 1840 pelo botânico e médico alemão Karl Friedrich Phillip Von Martius e concluída em 1906, tendo a colaboração de 65 botânicos. Depois do falecimento de Martius a direção da obra foi assumida pelo também alemão Augusto Wilhelm Eichler, e depois da morte deste por Ignatius Urban que a concluiu. A *Flora Fluminensis*, idealizada e realizada pelo botânico brasileiro Frei José Mariano da Conceição Vellozo, considerado o primeiro naturalista brasileiro, é um marco no conhecimento das espécies vegetais existentes principalmente no estado do Rio de Janeiro.

A partir dos esforços de inúmeros botânicos, sabe-se hoje que a flora brasileira apresenta cerca de 41.000 espécies. E com a continuação das pesquisas, esse número certamente irá aumentar.

GUIA DO BOM VISITANTE

Para que o Jardim Botânico seja sempre um lugar agradável à todos, os seus visitantes devem seguir algumas normas:

Não passear com animais domésticos no Jardim Botânico, mesmo que portando coleiras.

Animais domésticos podem transmitir doenças à fauna silvestre que vive no Jardim Botânico e também aos frequentadores, além de expor as pessoas ao risco de um ataque de cães e/ou gatos.

Não caçar e coletar terra, plantas, flores, frutos e galhos mesmo que caídos no chão.

Os pássaros e animais são importantes para manter o equilíbrio dentro de um Jardim Botânico. Muitos deles comem insetos (rãs, sapos, pererecas e lagartos) e suas larvas. Algumas espécies de peixes existentes nos lagos comem larvas de mosquitos (inclusive dos que transmitem a dengue). Os pássaros, além de nos alegrar com seu canto, contribuem, assim também como os insetos, para o

processo de polinização (veja explicação em Mulungu) e outros animais, como a gambá, auxiliam na dispersão dos frutos e sementes, processo importante na regeneração de matas. A retirada de terra, mesmo que em pouca quantidade pode provocar pontos de erosão nos canteiros e encostas. Os frutos são consumidos pelos pássaros e animais silvestres e suas sementes utilizadas na produção de mudas no JBN. Ao subir nas árvores para apanhar os frutos, além do risco de queda, o visitante poderá quebrar os seus galhos, prejudicando o desenvolvimento delas e podendo levá-las a morte por doenças (o galho quebrado é uma ferida, e porta de entrada para microrganismos). Os galhos e folhas são recolhidos e utilizados para produção de adubo que será utilizado nos canteiros e na produção de mudas no JBN. As plantas são para ficar no Jardim Botânico, onde são conservadas e cuidadas para que todos possam admirá-las e estudá-las. Imagine se cada visitante do Jardim Botânico levasse uma planta para casa?

Não jogar lixo nas ruas e canteiros.

“Não encontrei nenhuma lixeira!” Esta é sempre a fala de quem joga lixo no chão. No Jardim Botânico as lixeiras estão em pontos estratégicos, se uma delas não estiver próxima a você, guarde o seu lixo num saco plástico, e assim que encontrá-la jogue-o dentro da lixeira. Deste modo você estará contribuindo com a limpeza de um espaço que você usa! Outra atividade que deveria ser evitada é a colocação de oferendas, pois as mesmas contêm muitos produtos que não são degradados pela natureza, além das velas acesas serem um perigo de incêndio.

Não realizar churrascos nem festividades.

Os churrascos são um perigo iminente à um Jardim Botânico, pois uma churrasqueira mal controlada ou um fogo mal apagado podem se tornar um foco de incêndio, principalmente nas épocas de seca.

Um Jardim Botânico é um local onde as pessoas buscam a tranquilidade e o lazer contemplativo. Deste modo incompatível com festividades que perturbem o sossego.

Não realizar acampamentos e nem praticar esportes como jogos de bola, peteca, flechas ou outros que danifiquem a flora do Jardim Botânico.

A prática do acampamento contempla atividades incompatíveis à um Jardim Botânico, tais como fogueira, utilização de gravetos e galhos, perturbação do sossego tanto dos freqüentadores quanto dos animais. Além disso, um Jardim Botânico não é o local mais apropriado à este tipo de atividade, existindo para tal as áreas de camping. Esportes coletivos que se utilizam de bolas ou outros objetos podem danificar as plantas existentes nos canteiros. Algumas dessas plantas podem ser raras dentro do Jardim Botânico. Deste modo, esportes coletivos devem ser praticados em quadras ou campos preparados para este fim.

Não transitar com veículos, inclusive motocicletas e bicicletas, exceto para os moradores e servidores lotados na área do Jardim Botânico.

Um Jardim Botânico é um espaço para a descontração e o relaxamento, e, portanto não combina com veículos transitando e buzinando. Os veículos que estão autorizados devem trafegar devagar e com cautela, para não por em risco a integridade física dos visitantes.

A photograph of a large, textured tree trunk in a lush tropical forest. The trunk is light brown with visible bark patterns and some moss at the base. Sunlight filters through the dense green foliage in the background, creating dappled light on the tree. The text "As árvores do Jardim Botânico de Niterói" is overlaid in a bold, yellow, sans-serif font.

As árvores do Jardim Botânico de Niterói

Conhecendo algumas árvores do Jardim Botânico

No guia e nas placas de identificações localizadas no Jardim, encontramos as seguintes informações:

Nome popular: Este nome varia em cada região, podendo uma mesma planta possuir dezenas de nomes diferentes. Deste modo, os cientistas que identificam as plantas (taxonomistas) não utilizam os nomes populares, mas sim os nomes científicos.

Nome científico: Esses nomes, muitas vezes complicados e que fazem a nossa língua enrolar, foram criados para uniformizar a nomenclatura das espécies. Sendo assim, uma planta com o nome científico no Brasil, terá o mesmo nome científico na África, Europa, ou seja, em todo o Mundo. Ele é composto de duas palavras, a primeira que indica o gênero e o segundo o epíteto específico. As duas em conjunto formam o nome da espécie, que vem sempre acompanhado do nome do botânico que fez a sua descrição.

Família: É uma categoria utilizada na classificação dos seres vivos. Plantas com certas afinidades, são colocadas na mesma família. O mesmo se aplica no caso dos gêneros. Todos os nomes de famílias terminam com o sufixo -aceae. Por exemplo: Arecaceae, a família do coqueiro.

Origem: Em relação a sua origem, as plantas podem ser nativas ou exóticas. Em Biologia, dizemos que uma espécie é exótica quando ela não pertence aquele país ou ambiente. Neste guia quando a planta é nativa do Brasil é indicado qual o bioma de sua ocorrência, Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado, Pantanal ou Caatinga. Outra informação importante é a distribuição geográfica das espécies. Algumas são endêmicas, ou seja, são exclusivas de um determinado país ou bioma.

Agora, utilizando o guia localize as espécies no Jardim Botânico e saiba algumas curiosidades sobre elas!

Boa caminhada !

Abrió-de-macaco



Abricó-de-macaco

Couroupita guianensis Aubl.

Lecythidaceae

Nativa do Brasil (Amazônia)

Na terminologia popular, tudo que é atribuído aos macacos, é desagradável ao homem. Por isso, quando uma fruta é muito ruim, diz-se: “isso é para macaco”. Daí, nomes como Abricó-de-macaco, Banana-de-macaco, e etc. Esta espécie pertence a mesma família da Sapucaia e da Castanha-do-Pará e podemos perceber a semelhança quando olhamos a estrutura das flores das três espécies, que são bem parecidas. No Abricó-de-macaco, as flores de cor vinácea, nascem no tronco da árvore, e exalam um perfume doce e forte. Os frutos que também são formados no tronco, chamam a atenção por serem enormes “bolas”, que ao caírem no chão se abrem e exalam um cheiro forte e intenso, que muitos acham desagradável.

Andá-açú



Joannesia princeps Vell.

Euphorbiaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica e Caatinga)

Árvore que fornece madeira de construção, leve e macia, e de cujas sementes se obtém um óleo utilizado como purgativo, e com aplicações na indústria.

As sementes produzem um óleo, que é utilizado popularmente como purgativo para animais.



Frutos caídos no chão

Areca-de-lucuba



Dypsis madagascariensis
(Becc.) Beentje & J. Dransf.

Arecaceae

Exótica (Madagascar-África)

Palmeira originária da Ilha de Madagascar na África. No Jardim Botânico existe um exemplar cercado, que foi plantado por Nilo Peçanha, então governador do Estado da Guanabara. Na época o Rio de Janeiro era dividido em dois estados: o do Rio de Janeiro (atual cidade do Rio de Janeiro) e o da Guanabara.

Árvore-dos-viajantes



Árvore-dos-viajantes

Ravenala madagascariensis Sonn.

Strelitziaceae

Exótica (Madagascar -África)

Esta árvore, originária de Madagascar, tem o tronco de uma palmeira e as folhas de uma bananeira, mas as semelhanças acabam por aí. Tratam-se de três plantas de famílias diferentes, palmeira (Areaceae), bananeira (Musaceae) e Árvore-dos-viajantes (Strelitziaceae). As suas folhas, que assumem um aspecto de leque, acumulam água em sua região basal, daí o nome popular. Os viajantes sedentos, sabiam que ao furar a base das folhas a água jorraria, e a sede seria saciada. Porém, devido aos transtornos da modernidade como, poluição atmosférica e doenças, esta prática não é recomendada em árvores localizadas nos centros urbanos.

Buriti



Buriti

Mauritia flexuosa L.f.

Arecaceae

Nativa do Brasil (Amazônia, Caatinga e Cerrado)

Esta belíssima palmeira nativa do Brasil é frequentemente encontrada em terrenos úmidos e encharcados, deste modo onde avista-se um buritizal (conjunto de buritis), encontra-se água. Além da beleza, ela constitui importante fonte econômica. Quando viajamos, principalmente para as regiões Centro-oeste e Nordeste do Brasil, é comum encontrarmos o doce de buriti vendido em pequenas caixas. O doce é feito da polpa dos frutos e a caixa muitas vezes do caule do próprio buriti. Além de doces, dos frutos do buriti podem ser produzidos refrescos e um óleo comestível de cor vermelha (devido a presença de altos teores de carotenos). Do caule (que nas palmeiras chamamos de estipe) extrai-se um líquido açucarado que serve para a fabricação de vinho. Das folhas são confeccionadas redes, cordas e chapéus, e em algumas regiões, da estipe e das folhas, são construídas casas. Podemos deste modo perceber, que o buriti é uma palmeira importantíssima para a população das regiões onde ela ocorre.

Castanha-do-Pará



Castanha-do-Pará

Bertholletia excelsa Bonpl.

Lecythidaceae

Nativa do Brasil (Amazônia)

Quem gosta de apreciar um bom chocolate conhece ou com certeza já ouviu falar da castanha-do-pará, pois trata-se de um ingrediente muito comum em diversas marcas de chocolate. Mas cuidado, não confunda com a castanha que é retirada do fruto do caju, que é outra delícia da nossa flora. Muito cobiçada e valorizada na região de origem, a Amazônia, a castanha-do-pará é um precioso produto de exportação e que é explorado de forma extrativista em áreas denominadas castanhais. Parente da sapucaia, ela possui o tronco todo estriado longitudinalmente e produz frutos, chamados de “ouriços”, que são parecidos com os da sapucaia, mas não se abrem quando maduros. As árvores atingem alturas imensas, podendo em áreas nativas chegar a 50m. De uma altura desta, você pode imaginar o estrago que os frutos fazem ao atingirem o solo. Alguns chegam a afundar o chão da mata.

Chichá



Sterculia apetala (Jacq.) H.Karst.

Malvaceae

Nativa do Brasil (Amazônia, Cerrado)

São árvores dotadas de belas raízes tabulares (também chamadas de sapopemas), que são expansões existentes na base do tronco, cuja função é ajudar na sustentação do vegetal. Os seus frutos, quando maduros, abrem-se, expondo as sementes castanho-avermelhadas, apreciadas pelo homem e pela avifauna.

Dendezeiro



Dendzeiro

Elaeis guineensis Jacq.

Arecaceae

Exótica (África)

“Diga aí, diga lá. Você já foi à Bahia, nega? Não? Então vá.” Lá o dendê é utilizado em praticamente todos os pratos típicos da cultura afro-brasileira. Palmeira provavelmente trazida da África pelos escravos, da polpa dos seus frutos extraí-se o óleo ou azeite de dendê. De coloração amarela ou avermelhada e de sabor adocicado é utilizado principalmente na alimentação e em rituais. O óleo de dendê é usado pelas baianas para fritar o acarajé.

Embaúba



Embaúba

Cecropia glaziovii Snethlage

Urticaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica)

Em algumas espécies de embaúba, as folhas dão uma coloração prateada na mata, o que torna fácil identificá-la ao longe. É considerada árvore pioneira, pois é uma das primeiras a surgir quando uma floresta devastada está se regenerando. O seu tronco é oco, daí o seu nome popular derivado do vocabulário indígena (embaúba = árvore oca). Em muitos pontos do tronco encontramos rachaduras, e se batermos nele, qual a nossa surpresa? Formigas! Sim, formigas vivem dentro do tronco das embaúbas. Entre as formigas (do gênero *Azteca*) e as embaúbas há uma relação mutualística. A embaúba fornece abrigo e alimentos para as formigas e estas por sua vez oferecem proteção para a embaúba. Por isso não se atreva a tentar subir numa destas árvores, pois você poderá ter uma desagradável e dolorosa surpresa. Um dos poucos animais que conseguem subir nos galhos das embaúbas são as preguiças. As suas folhas são um verdadeiro banquete para elas, por isso é muito freqüente encontrarmos preguiças subindo por entre seus galhos. E as formigas? Não tem problema, os densos pêlos das preguiças servem para protegê-las.

Guapuruvu



Guapuruvu

Schizolobium parahyba (Vell.) Blake

Fabaceae

Brasil (Mata Atlântica e Amazônia)

Imponente árvore de crescimento rápido é muito indicada em projetos de restauração da vegetação. Na época da floração, sua copa fica repleta de flores amarelas, que dão um extraordinário colorido à mata. Possui raízes tabulares semelhantes as existentes no Pau-rei e Chichá, cuja função é de auxiliar na fixação da árvore. Os frutos do Guapuruvu são formados por duas partes, uma externa que se abre e uma interna que contém uma estrutura parecida com uma “asa” e dentro desta, guarda a única semente. Esta “asa” gira feito a hélice de um helicóptero, e serve para levar a semente longe, e assim ajudar na dispersão da espécie. Este tipo de fruto na Botânica é chamado de criptosâmara.

Jatobá



Jatobá

Hymenaea courbaril L.

Fabaceae

Nativa do Brasil (Amazônia, Caatinga,
Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal)



Frutos caídos no chão

Belíssima e frondosa árvore, cuja as folhas são tipicamente formadas por dois folíolos (pequenas folhas) curvados. Os frutos de cor marrom, possuem em seu interior uma polpa farinhenta de cor esbranquiçada, que é comestível, e utilizada principalmente para a fabricação de doces, bolos e outras guloseimas. Os índios, em hábil manobra, retiram a casca do seu tronco por inteiro, e dela constroem pequenas canoas. Também do tronco é extraída uma resina chamada jutaicica que é utilizada na composição de vernizes.

Jacarandá-da-Bahia



Jacarandá-da-Bahia

Dalbergia nigra (Vell.) Allemão ex Benth.

Fabaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica)

Da mesma família do “Pau-Brasil”, o iakarandá, como é chamada em tupi, é uma árvore originária da Mata Atlântica. Uma das madeiras mais valiosas do Brasil, e muito cobiçada principalmente para a fabricação de móveis, sendo também uma árvore muito ornamental. Os seus frutos possuem expansões em forma de asas que carregados pelo vento, auxiliam na dispersão das sementes

Mulungu



Mulungu

Erythrina speciosa Andrews

Fabaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica e Cerrado)

Quem gosta da visita de beija-flores, deveria ter esta árvore plantada em seu terreno, pois na época da floração ela fica repleta desses ilustres visitantes. Este fato ocorre devido a cor das flores do mulungu serem vermelhas, cor que é percebida pelos pássaros de um modo geral, já que eles não possuem um olfato apurado. Complementa-se a isso, o fato das flores do mulungu serem tubulares, o que permite aos beija-flores, com seu longo bico, retirar o delicioso néctar. As plantas atraem os pássaros, insetos, e outros animais para as suas flores por uma razão muito especial, promover a polinização. O que é isso? Nas flores, além das pétalas e sépalas, existe uma parte que chamamos de masculina (que produz o pólen, aquele pozinho que sai de algumas flores) e a parte feminina (que produz os óvulos). Quando o pólen de uma flor é carregado para outra flor, chamamos este processo de polinização. Para que isso ocorre? Quando o pólen encontra a parte feminina da flor, ocorre a fecundação e o desenvolvimento de um embrião (plantinha jovem) que estará dentro da semente e esta dentro do fruto. Então podemos concluir que os frutos são derivados das flores e servem para proteger as sementes. O objetivo da polinização é promover a troca de material genético de diferentes indivíduos de uma mesma espécie, e com isso promover uma maior variedade na população.

Paineira



Paineira

Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna

Malvaceae

Nativa do Brasil (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica)

Árvore com o tronco e galhos cobertos por grandes acúleos. Eles parecem espinhos, mas a diferença é que os acúleos são retirados facilmente da planta, enquanto que os espinhos não. Eles tem a finalidade de desencorajar quem queira nela subir. A maturação dos frutos da paineira é um espetáculo à parte. Seus frutos, chamados de cápsulas, quando se abrem, expõe as sementes revestidas por pelos brancos, chamados de paina. A árvore fica então cheia de belos tufo brancos. O objetivo desta paina, é fazer com que as sementes possam planar e assim serem dispersadas pelo vento. Por ser leve e impermeável à água, a paina é empregada em coletes salva-vidas e material de enchimento geral como colchões, almofadas, travesseiros e outros.



Palmeira-Imperial



Palmeira-Imperial

Roystonea oleracea (Jacq.) O.F.Cook

Arecaceae

Exótica (Antilhas e Venezuela)

Esta palmeira foi apresentada ao Imperador D. João, e a posse dela, era privilégio do Império, daí o nome popular “Palmeira Imperial”. Para que o Império tive-se exclusividade desta palmeira no Brasil, todas as sementes eram queimadas. Conta-se que os negros na época da escravidão, arriscavam-se a subir durante a noite nas alturas desta palmeira, para retirar-lhes os frutos. As preciosas sementes eram vendidas, e o dinheiro utilizado para a compra da alforria.

Pandanus



Pandanus

Pandanus utilis Bory

Pandanaceae

Exótica (Madagáscar-África)

A primeira vista, o que nos chama atenção nesta árvore, é a grande quantidade de raízes que saem do tronco. Essas raízes são chamadas de escoras, e como o próprio nome diz, servem para ancorar o vegetal. Podemos encontrar estratégia semelhante a esta em algumas espécies de mangue, que necessitam de suporte para se fixar no terreno lamacento e instável do manguezal. Nas pontas das raízes escoras do Pandanus podemos observar uma capa (em Botânica chamada de coifa), que serve para proteger a região de crescimento da raiz. Os frutos esféricos que observamos nos galhos, são na verdade um conjunto de pequenos frutos comestíveis.

Pau-mulato



Pau-mulato

Calycophyllum spruceanum (Benth.)

K.Schum.

Rubiaceae

Nativa do Brasil (Amazônia)

Belíssima e imponente árvore da Amazônia que impressiona pela cor característica de seu tronco: marrom-esverdeado quando jovem e marrom-escuro quando amadurecido. Pertence a mesma família do café (Rubiaceae). De tempos em tempos a casca de seu tronco é renovada, formando então uma película, semelhante aquelas observadas nas goiabeiras. Esta película é denominada na Botânica de ritidoma. Além de ser muito ornamental, a sua madeira é empregada na marcenaria, confecção de esquadrias, cabos de ferramentas, artigos torneados e compensados.

Pau-ferro



Pau-ferro

Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz

Fabaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica,
Caatinga e Cerrado)

O cerne de seu tronco é muito cobiçado pelas lojas que fabricam instrumentos musicais, pois é excelente para a fabricação de escala musical (madeira que fica no braço dos violões e na qual são inseridos os trastes) de instrumentos de cordas. A sua preferência deve-se ao fato de ser resistente e não se deformar com o tempo, devido ao atrito dos dedos de quem toca o instrumento. É também utilizada para fabricar instrumentos de sopro como flautas e clarinetas.

Saboneteira



Sapindus saponaria L.

Sapindaceae

Exótica (América Central)

O nome popular desta árvore vem da utilização de seus frutos como sabonete. Isto se deve a existência de uma substância chamada saponina, responsável pela produção de espuma.

Sapoti



Sapoti

Manilkara zapota (L.) P.Royen

Sapotaceae

Exótica (América Central)

A expressão “morena da cor do sapoti”, muito usada em tempos passados, vem da comparação da cor do fruto do sapotizeiro com a de algumas mulheres. Seus frutos, muito apreciados, são consumidos ao natural. Quando retiramos uma folha do sapotizeiro, percebemos que escorre um líquido branco que é chamado de látex. Era desta substância que fabricava-se o chicle, utilizado para a produção de chicletes. Hoje ele é produzido de forma sintética.

Seringueira



Seringueira

Hevea brasiliensis (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg.

Euphorbiaceae

Nativa do Brasil (Amazônia)

Quem no Brasil nunca ouviu falar em Chico Mendes? Acreano conhecido internacionalmente, sua história foi transformada em filme. Sindicalista e seringueiro (trabalhador que extrai o látex da Seringueira), ele lutou e morreu em defesa da Floresta Amazônica, região de origem da Seringueira. Dela, através de cortes no tronco, extraí-se um líquido branco, o látex, do qual se produz a borracha. O Brasil era o único exportador desta matéria-prima, daí a grande importância econômica deste produto no século XIX. As tentativas de contrabandear sementes e mudas da seringueira para outros países eram intensas, até que numa destas, milhares de sementes foram parar em estufas na Inglaterra e de lá enviadas para a Ásia, onde foram formadas grandes plantações. A borracha produzida na Ásia era melhor e mais barata que a brasileira, daí a quebra do mercado da borracha em nosso país. Várias foram as tentativas de se restabelecer a importância econômica da seringueira em nosso país, mas todas frustradas. Quando os frutos da seringueira estão maduros, podemos ouvir o seu estralar e ver as suas sementes serem lançadas ao longe. Este modo de maturação dos frutos, abrindo-se violentamente, é uma forma de dispersar suas sementes que cairão afastadas da “planta mãe”.

Sapucaia



Sapucaia

Lecythis pisonis Cambess.

Lecythidaceae

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica e Amazônia)

O nome popular desta árvore deriva do tupi iasapukáia, que significa “fruto que faz saltar o olho”, em alusão ao seu grande tamanho. Típica da Mata Atlântica, ela produz um fruto esférico, chamado popularmente de cumbuca, que quando maduro abre uma tampa liberando as sementes. Estas são comestíveis e muito apreciadas pelo seu sabor delicado e também utilizadas na produção de um tipo de óleo. Alguns frutos maduros e sem a tampa permanecem presos aos galhos por algum tempo daí, alguns visitantes ao avistarem esses frutos pensam que são casas de abelhas ou marimbondos. O tronco é tipicamente estriado longitudinalmente e sua madeira é preferida para construção civil e naval, obras imersas, dormentes, esteios, vigas, mastros e pontes. O dito popular “macaco velho não põe a mão em cumbuca” faz referência ao macacos jovens que colocam a mão dentro dos frutos das sapucaias para apanhar suas sementes e não conseguem retirá-las com a mão fechada, feito não realizado pelos macacos mais velhos.

Sibipiruna



Sibipiruna

Poincianella pluviosa var. *peltophoroides*
(Benth.) L.P.Queiroz

Endêmica do Brasil (Mata Atlântica do Estado
do Rio de Janeiro)

Quando a sibipiruna está florida, é um verdadeiro espetáculo aos olhos, com suas flores amarelas reunidas em inflorescências (conjunto de flores) eretas nas extremidades dos ramos. É uma árvore muito confundida com o “pau-Brasil”, tanto que em alguns lugares é chamada de “falso-pau-Brasil”. Ambas espécies pertencem a mesma família (Fabaceae), mas podem ser distinguidas pelo seguinte aspecto: o caule, ramos, folhas e frutos do “pau-Brasil”, possuem acúleos (estruturas que parecem espinhos) e a “sibipiruna” não os têm.

Urucum



Urucum

Bixa orellana L.

Bixaceae

Nativa do Brasil (Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica)

De belíssimas flores rosadas, o urucum produz frutos secos que são chamados de cápsula, e que quando maduros abrem-se por fendas e expõe pequenas sementes vermelhas. Estas sementes possuem um corante lipossolúvel (que se mistura com o óleo e não com a água) chamado bixina e que é empregado para colorir alimentos, como manteiga, queijo e massas. É esse o corante utilizado nas pinturas dos índios. As sementes do urucum misturadas com óleo, dão a cor vermelha e os frutos imaturos do jenipapo (*Genipa americana* L.), dão a cor negra às pinturas indígenas. Muitos protetores solares possuem em sua composição a bixina, que funciona como filtro solar. Outro produto muito conhecido, e que também é extraído desta planta, é o colorau (condimento utilizado na culinária).

REFERÊNCIAS

- Carmo, A.R. & Domingues, J.P.G. 2006. **Jardim Botânico de Niterói: Um Século de História e Meio Ambiente**. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, 160p.
- Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1996. **Conhecendo nosso Jardim: roteiro básico**. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Leadlay, E. & Greene, J. 1999. **Manual Técnico Darwin para Jardins Botânicos**. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/Rede Brasileira de Jardins Botânicos, Rio de Janeiro.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012
- Lorenzi, H. 1992. **Árvores brasileira: manual de identificação e cultiva de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Editora Plantarum, Nova Odessa.
- Lorenzi, H.; Souza, H.M.; Medeiros-Costa, J.T.; Cerqueira, L.S.C. & Behr, N. 1996. **Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas**. Editora Plantarum, Nova Odessa.

- Oliveira, B.; Paula, E.M. & Miralhes, T.V. 2007. **Guia Didático: Jardim Botânico de Niterói.** Edição do autor, São Gonçalo, RJ.
- Rizzini, C.T. & Mors, W.B. 1995. **Botânica econômica brasileira.** Âmbito Cultural, Rio de Janeiro.
- Silva, S. P. 1996. **Frutas no Brasil.** Empresa das Artes, São Paulo.
- Siqueira, J.C. 1992. **A flora do campus PUC-Rio.** Expressão e Cultura, Rio de Janeiro.
- The plant list: A working list of all plant species.** Disponível em: <http://www.theplantlis.com>. Acesso em 10 de janeiro de 2012.

SOBRE OS AUTORES

Marcelo Guerra Santos

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1995), mestrado (1999) e doutorado (2007) em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA) da UERJ. Atuou como Chefe de Preservação Ambiental do Jardim Botânico de Niterói (2000-2001) (marceloguerrasantos@gmail.com).

Eny Hertz Bittencourt

Graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (1980). Pós-graduação em Fotografia como Instrumento de Pesquisa Social na Universidade Candido Mendes (2004). Ganhou o oitavo lugar no concurso de fotografia da SOS Mata Atlântica (2006). Trabalhou na Universidade Estácio de Sá como professora de fotografia colorida e de paisagem natural (1999-2010). Atualmente participa como representante do Clube Niteroiense de Montanhismo - CNM no conselho consultivo do Parque Estadual da Serra da Tiririca - PESET/INEA (eny_hertz@yahoo.com.br).

Luiz José Soares Pinto

Licenciatura em Ciências Biológicas pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Professor do Colégio Estadual David Capistrano (ljspinto@gmail.com).

Paulo Cesar Ayres Fevereiro

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Gama Filho (1974). Especialização em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981). Professor aposentado do Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal Fluminense.